

INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro; MITTMANN, Solange (orgs.). *O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras*. São Carlos, Claraluz, 2009. 464p.

Resenhado por: Márcia Dresch e Marilei Grantham

**NO PANORAMA BRASILEIRO DA AD: NOVAS
MATERIALIDADES, NOVOS TEMAS**

O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras é uma coletânea de 50 textos resultantes do III SEAD - Seminário de Estudos de Análise do Discurso, evento que a cada dois anos reúne analistas de discurso de filiação pecheutiana do Brasil inteiro. Disciplina de entre-meio, a Análise do Discurso expõe a tensão provocada, por um lado, pela proximidade muito íntima da língua, na fronteira com a Linguística, e, por outro, pela compreensão de que a exterioridade é constitutiva da linguagem. Nessa perspectiva, o conjunto de textos desta resenha, para contar do homem no discurso, se abre para a diversidade da proposta – a contemporaneidade do discurso – caminhando em direção às fronteiras da AD com a História, com a Antropologia, com a Psicanálise, com a Ciência Política, com a Sociologia.

A obra está dividida em duas partes. Na primeira, sob o título *Formas de subjetivação na contemporaneidade*, estão dispostas as conferências pronunciadas no evento; na segunda parte, *Teoria e análise em perspectiva*, subdividida em cinco seções, estão os textos apresentados nas mesas temáticas, trazendo os principais conceitos da Análise do Discurso, aplicados aos mais diversos *corpora* de análise.

Márcia Dresch é professora do Curso de Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

Marilei Grantham é professora do Curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

Na conferência de abertura, *Historicidade, indivíduo e sociedade: o sujeito na contemporaneidade*, Eni Orlandi problematiza a construção simbólica do sujeito na atualidade. Falar da *atualidade* sugere a reflexão sobre um sujeito afetado pelos discursos da globalização e das novas tecnologias, que reinventam o capitalismo, mantendo intacta a forma histórica do sujeito capitalista, ainda que práticas renovadas proponham deslocamentos de sentidos. O texto passa por isso e vai mais além. A partir das reflexões do psicanalista francês Charles Melman, que identifica a emergência de um novo sujeito, marcado pelo estado de exibição do gozo, com novos deveres, dificuldades e sofrimentos, a autora se pergunta como os ecos desse discurso chegam aos países pobres.

Encaminhando sua análise, Orlandi examina um *corpus* da margem: o depoimento de Marcola à Câmara Federal e falas de meninos ligados ao tráfico – os chamados *Falcões* –, retiradas do livro *Falcão: meninos do tráfico*, de autoria de Celso Atháide. Para pensar como esses sujeitos se individualizam, agrega à sua reflexão a noção de espaço como parte do acontecimento e determinante da significação. Além disso, aproxima a noção de *ambiência*, de Jean-Paul Thibaud, à de *condições de produção* da AD. Para a autora, uma certa ambiência é constituída por certas condições de produção dos discursos e com sujeitos ideologicamente constituídos, de forma que uma situação se carrega de sentidos e nos coloca numa certa disposição significativa.

Para concluir a conferência, afirma que, no caso dos Falcões, esses meninos nem mesmo são passíveis de humilhação, porque à margem. Aos meninos o Estado falha como lugar de articulação simbólica, e falha de tal modo que a condição de sentido possível não se configura e o sujeito não pode nem mesmo se instalar em uma situação, afinal, eles nem mesmo têm um espaço porque ser invisível é a condição do Falcão; estão, como diz um menino num dos depoimentos, “do lado certo da vida errada”.

No segundo texto, *Movimentos sociais: o paradoxo argentino e os desafios do tempo presente*, o historiador Enrique Serra Padrós analisa a nova realidade internacional que se impôs a partir do final dos anos 70 – desaparecimento da URSS e do socialismo real, conformação da globalização neoliberal e imposição de um pensamento único –, que resultou no refluxo dos partidos políticos de esquerda e dos movimentos sociais no mundo inteiro. Em contraposição, baseado em estudo de James Petras, chama a atenção para o surgimento, nos anos 80, momen-

to de maior recuo da esquerda tradicional, de outras práticas de organização, que propõem uma nova configuração para os movimentos sociais: o MST, no Brasil; o movimento dos *cocaleros*, na Bolívia; as Madres da Praça de Maio e os *piqueteros*, na Argentina.

Nesse cenário, passa a examinar o *paradoxo argentino*, país que, motivado por uma intensa crise econômica, consequência de políticas governamentais neoliberais, acentuadas nos dois governos de Carlos Menem (1989 a 1999), experimenta novas formas de mobilização social, para, posteriormente, retomar práticas políticas tradicionais e sucumbir frente à mundialização.

O autor percorre o momento anterior à crise argentina de 2001, fazendo dura crítica ao modelo político-econômico adotado, que obteve apoio dos setores médios e levou o país à situação de falência institucional, até chegar à emblemática data de 20 de dezembro de 2001, quando a polícia a cavalo investe contra uma coluna de manifestantes encabeçada pelas Madres da Praça de Maio, ao que a população responde, segundo Padrós, com “uma gigantesca onda pacífica sob a cadência dos panelaços” (p. 36), provocando assim a renúncia do então presidente Fernando de la Rúa, momento político que em Análise do Discurso chamaríamos de *acontecimento discursivo*.

Padrós identifica a dificuldade de autonomia de movimentos que surgem espontaneamente em situações dramáticas de crise, como essa da Argentina, mas acabam cooptados. O discurso neoliberal acaba por triunfar, enquadrando as mobilizações populares e evitando situações que levariam a mudanças estruturais.

Na conferência *Sujeito e discursos contemporâneos*, Bethania Mariani discute a dessimbolização do sujeito na contemporaneidade e elege como foco da discussão o sujeito que desconhece sua subordinação ao Outro, à Lei.

Apoiada em teóricos como Pêcheux e Freud, Mariani define cultura sob dois prismas distintos: como prática dos sujeitos e entre os sujeitos, e, portanto, indissociável da história; como laço social, alteridade, relação com o Outro.

Articulando teoria e prática, a autora toma para exame materialidades discursivas que representam o modo como o sujeito se relaciona, sem se mostrar afetado, com a atualidade sociocultural: o filme (e suas paráfrases) *Ovos de Ipanema*; a música *Ode to my pill*; e enunciados formulados por sujeitos em dois atos violentos: o de arrastar um menino por

vários quilômetros – “*Pensei que (ele) era um boneco de Judas*” – e o de espancar uma empregada doméstica – “*Achamos que (ela) era uma prostituta*”.

Mariani considera que tais discursividades atestam o esvaziamento da função simbólica, na medida em que são discursos sem força social, sem jogo com a memória histórica. Apoiando-se nas reflexões de Dany-Robert Dufour, Jean-Pierre Lebrun, Charles Melman e Maria Onice Payer, a autora interroga-se, finalmente, sobre essa nova forma de subjetividade e sobre a existência desse sujeito moderno, que, sob os efeitos do neoliberalismo e afetado pelos fluxos de mercado e pela mídia, torna-se sem amarras, sem memória e sem objetivos: sujeito “anestesiado”.

Na conferência *Reflexões sobre o impacto da internet no campo do jornalismo*, Bernardo Kucinski aborda o papel e os efeitos das novas tecnologias de comunicação nas condições de produção e nos sistemas de valores do jornalismo, apontando, por exemplo, as demarcações entre emissor e receptor, entre imprensa alternativa e de massa, entre esfera pública e privada.

Examinando as consequências da internet no âmbito social, o autor destaca a possibilidade do exercício de uma democracia direta – em que a interlocução é total –, a abertura de um novo espaço de socialização, a inclusão de indivíduos prejudicados em outros meios de absorção do conhecimento, como os livros. Em contraposição, destaca a perda de limites entre o público e o privado, o desrespeito ao direito autoral, a disseminação de mentiras e difamações, oriundas da falta, neste tipo de rede de comunicação, da lei de imprensa e da ausência da marca de autoria.

Ao ressaltar a relação entre tecnologia e formas narrativas, e considerando que a principal mudança na linguagem jornalística foi o surgimento do chamado “jornalismo on-line”, Kucinski trata de uma das consequências da internet nos processos de subjetivação: a possibilidade de, mais que em qualquer outro suporte narrativo jornalístico, estudar a relação entre linguagem e mente humana, entre linguagem e ideologia, entre linguagem e sistemas de saber, entre sujeitos.

A segunda parte do livro inicia com artigos produzidos a partir do tema *Língua, hiperlíngua e arquivo*. Os textos propõem-se a pensar a materialidade do discurso sob diferentes *corpora* – documentários, salas de bate-papo da *web*, verbetes de dicionário, produções artísticas audiovisuais, *sites* da internet, livros didáticos –, ocupando-se, além das formulações verbais, de outros sistemas simbólicos.

Embora não seja tematizada em todos os textos da seção, chama a atenção a discussão levantada, a partir de Pêcheux e de outros teóricos da AD, sobre hipertexto e leitura do arquivo e sobre como se dá a produção de sentidos face às novas discursividades que se manifestam na contemporaneidade. O hipertexto, por exemplo, se apresenta ilusoriamente como um espaço democrático, no qual o sujeito leitor realiza escolhas e determina seu percurso pelos sentidos. Por outro lado, estão apagadas suas filiações sócio-históricas, e o percurso está estabilizado por sentidos previamente legitimados. A possibilidade da falha está no contrafluxo, no discurso crítico do outro, capaz de reagir ao gesto e propor outra ordem de sentidos.

Em *Real da língua, do sujeito, da história e do discurso*, os textos trazem em comum o vínculo da Análise do Discurso com a Psicanálise, fundamentado em teóricos como Lacan, Milner e Pêcheux e articulado em torno da noção de *real*. O *real*, na perspectiva da psicanálise lacaniana, é o impossível de ser atingido, aquilo que falta e jamais se completa. Trata-se de uma falta que mobiliza o sujeito, porque ligada à demanda de completude jamais atendida. *Real da língua, do sujeito, da história e do discurso* carregam todos a ideia de incompletude, de um não todo estruturante.

Os textos reunidos na seção teorizam essas noções analisando *slogans*; marcas corporais de descendência em brasileiros e o modo como significam; discursos publicitários em livros didáticos; processos de nomeação e de definição; discursos sobre a mulher; buscando apreender, na manifestação do equívoco, do ato falho, do impossível na língua e na história, a manifestação do real.

A terceira seção, denominada *Interdiscurso, pré-construído, discurso transversal e memória*, mantendo a característica plural da obra, contém pesquisas sobre diversos temas, articulados pela noção de *memória discursiva*. São artigos centrados no objeto de análise, como o discurso sobre a mulher, do esquizofrênico, ou que abordam temas bem específicos, como o discurso sociolinguístico sobre a língua do Cabo Verde ou o discurso do referendo das armas que se produziu no Brasil em outubro de 2005.

Cada texto se volta para seu *corpus* e a historicidade que o constitui, operando, na análise, principalmente com as noções de memória – como interdiscurso –, formação discursiva e pré-construído, a partir de autores como Pêcheux, Courtine, Indursky e Mariani. Entretanto, essa

historicidade, que intervém sob a forma de pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, não está disponibilizada aos sujeitos, que, ignorando esse processo, têm a garantia de seu lugar de sujeito da linguagem.

Em *Ideologia, historicidade e condições de produção*, a premissa de que discurso é a união de uma materialidade histórica com uma materialidade linguística está presente em todos os textos.

A noção de que a ideologia constitui o sentido e o sujeito é defendida pelos autores, os quais lembram que a língua produz efeitos de evidência que fazem com que os sentidos pareçam transparentes e com que outros sentidos e outros dizeres sejam ocultados.

Através da análise de diferentes tipos de *corpora*, como, por exemplo, o discurso do Pacto Global – que produz como evidente o sentido de “responsabilidade social” –, o discurso sobre os índios no Brasil – que pode tomar como único o sentido de “nu” – ou o discurso da tradução – que toma o texto fonte como completo –, os autores mostram que a constituição dos sentidos e dos sujeitos é uma atividade discursiva e política, na qual estão em jogo sentidos, interpretação, e, portanto, ideologia.

O livro termina com a seção *Escrita, efeito-sujeito e autoria*, na qual as noções aparecem entrelaçadas, abordadas pelo viés de autores como Foucault, Derrida, Lacan e Pêcheux e investigadas em diferentes tipos de textos e materialidades linguísticas: internet, textos escolares, textos literários.

Nesse contexto, escrita e autoria são tomadas como prática social, como lugar de interpretação, como processo de construção de sentidos e de sujeitos. Os autores esforçam-se em demonstrar que, na escrita, podem ocorrer diferentes modos de subjetivação, o que significa que a forma como o sujeito se relaciona com este processo sofre determinações sócio-históricas diferentes.

Em um dos textos, a escrita é ainda contraposta à escrit(ur)a; a primeira é tomada como o ato comum de escrever, visível, escrita grafada em um pedaço de papel; a segunda é concebida como escrita psíquica, escrita *do* e *no* inconsciente, que ultrapassa a linguagem escrita e engloba também a linguagem falada, pois há escrita (de si) e, portanto, assinatura na fala.

Nos artigos desta seção, reconhecemos, como notamos em toda a obra, o esforço dos autores em questionar a concepção de uma língua transparente e em colocar em xeque a objetividade e o controle dos efeitos de sentido do dizer.